



SCIREA Journal of Sociology

ISSN: 2994-9343

<http://www.scirea.org/journal/Sociology>

July 4, 2024

Volume 8, Issue 4, August 2024

<https://doi.org/10.54647/sociology841289>

# COMPREENDER O SENTIR E INTELIGIR A PARTIR DA INTELECÇÃO SENCIENTE

## UNDERSTANDING FEELING AND INTELLIGING FROM SENTIENT INTELLECTION

Osmar Ponchirolli<sup>1</sup>, Vinícius da Silva Alves<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Filósofo, teólogo, mestre e doutor pela UFSC. Professor curso de filosofia da FAE - Centro Universitário Franciscano. E-mail: [osmarp@bomjesus.br](mailto:osmarp@bomjesus.br)

<sup>2</sup> Bacharel em Filosofia pela FAE – Centro Universitário. E-mail: [viniciusdasilva@fae.edu](mailto:viniciusdasilva@fae.edu)

### RESUMO

O presente artigo discorre sobre a relação entre “Sentir” e “Inteligir” a partir da compreensão apresentada por Xavier Zubiri, referente à Inteligência Senciente, enquanto unidade desses dois momentos. Nesse quesito, o artigo tem como base fundamental a obra *Inteligência e Realidade*, redigida por Zubiri em 1981; tal compilação é o primeiro volume da *Trilogia Senciente*. Os temas abordados em questão estão pautados na noção do que seria propriamente o “Sentir” para Zubiri, em outros termos, aquilo que fundamenta a sensação tanto do ser humano, quanto dos demais seres; como também, os modos de apreensão do “Sentir”, mediante seus momentos constitucionais. Num segundo aspecto, alude-se sobre o que seria o “Inteligir”, perante os modos que fundamentam a intelecção do ser humano, ou

---

<sup>1</sup> Filósofo, teólogo, mestre e doutor pela UFSC. Professor curso de filosofia da FAE - Centro Universitário Franciscano. E-mail: [osmarp@bomjesus.br](mailto:osmarp@bomjesus.br).

<sup>2</sup> Bacharel em Filosofia pela FAE – Centro Universitário. E-mail: [viniciusdasilva@fae.edu](mailto:viniciusdasilva@fae.edu)

seja, apresenta o “Inteligir” enquanto um modo de aprofundamento na realidade atualizada. E, por fim, explicita-se sobre a relação entre “Sentir” e “Inteligir”, a partir da Intelecção Senciente. Neste viés, ressalta-se sobre a unidade desses dois momentos, uma vez que a distinção entre ambos é apenas formal, e não real em si mesmos.

**Palavras-chave:** Sentir. Inteligir. Intelecção Senciente. Apreensão. Real.

## **ABSTRACT**

This article discusses the relationship between “Feel” and “Intelligence” from the understanding presented by Xavier Zubiri, referring to Sentient Intelligence, as a unit of these two moments. In this regard, the article is based on the work Intelligence and Reality, written by Zubiri in 1981; such compilation is the first volume of the Sentient Trilogy. The topics addressed in question are based on the notion of what “Feeling” would be for Zubiri, in other words, what underlies the sensation of both the human being and other beings; as well as the ways of apprehending the “Feeling”, through its constitutional moments. In a second aspect, it alludes to what “Intelligence” would be, in view of the modes that underlie the intellection of the human being, that is, it presents “Intelligence” as a way of deepening the updated reality. Finally, the relationship between “Feeling” and “Intelligence” is explained, based on Sentient Intellection. In this bias, the unity of these two moments is emphasized, since the distinction between them is only formal, and not real in themselves.

**Keywords:** Feel. intelligent. Sentient Intellect. Seizure. Real.

## **INTRODUÇÃO**

Xavier Zubiri (1898 - 1983) foi um filósofo metafísico espanhol, nasceu em meados do século XIX; sua primeira formação acadêmica aconteceu num colégio marista. Conforme Tejada (2016), Zubiri, posteriormente, prosseguiu seus estudos na Escola de Madri, logo teve relações com pensamento fenomenológico; neste sentido, foi influenciado por Aristóteles, Ortega, Husserl e Heidegger. Zubiri, ao longo de sua vida, buscou estudar outras áreas do conhecimento, a exemplo da física de Einstein e Heisenberg.

Nesse contexto, a base do pensamento zubiriano é a busca por superar a cisão entre sensação e intelecção, como diz Sousa (2003, p. 12): “(...) sua intuição fundamental é que a realidade não pode ser concebida como algo proveniente da inteligência ou da sensibilidade, mas da unidade desses momentos.” O pensamento de Zubiri também está relacionado à perspectiva realista; neste quesito há uma relação com o pensamento aristotélico<sup>3</sup>.

Secretan (2014), na obra *Introdução ao Pensamento de Xavier Zubiri*, apresenta que Zubiri teve três fases em sua vida, as quais dividem-se entre: *fase fenomenológica (1921 - 1928)*, *fase ontológica (1928 - 1931)* e *fase metafísica*<sup>4</sup> (1958 - 1983). Nessa última fase, o filósofo chega na maturidade de seu pensamento e, em razão deste, entre 1981 a 1983 o pensador lança a *Trilogia Senciente*, na qual este artigo está fundamentado, sobretudo, no primeiro volume *Inteligência e Realidade (1981)*.

Posto assim, o problema em questão refere-se a como compreender a relação entre Sentir e Inteligir. Nesse sentido, o foco geral é entender como ocorre essa relação a partir do pensamento de Zubiri. Sendo assim, tem-se como objetivos específicos entender o que é Sentir; bem como compreender o que é Inteligir a partir do pensamento de Zubiri e a relação entre Sentir e Inteligir na concepção de Zubiri, a partir da Inteligência Senciente.

O presente artigo aborda, em primeira instância, o que seria propriamente o Sentir à luz do pensamento de Zubiri, isto é, a estrutura formal do Sentir mediante seus momentos constitutivos? Em segunda instância, apresentar-se-á sobre o que é o Inteligir para Zubiri, ou seja, aquilo que é próprio da intelecção, enquanto seus modos formais de Inteligir? Por fim,

---

<sup>3</sup> Essa escolha é pertinente, pois sua investigação e a de Aristóteles são idênticas, ainda que efetuadas em perspectivas e expressa em termos bem diferentes. O que Aristóteles entendia por *ousia* - não o que ele finalmente apresentou como *ousia*, não o que de fato correspondia, a seus olhos, às condições da οὐσία, mas o que é a *ousia* -, o que Aristóteles, portanto, entendia por *ousia* é o que é realmente real; não só o que é real *de fato* (o que seria antes objeto da ciência, como observou Zubiri com frequência), mas o *princípio* que faz que o que é realmente real seja real. E isto Zubiri indica claramente como fim de toda investigação filosófica, fim que ele faz seu: *lo último de las cosas*; não “as coisas” (ainda que estas sejam o único ponto de partida e o ponto de referência eventual de toda *theoria*), mas “o fundo das coisas”. Fundo último do ponto de vista da filosofia enquanto busca do homem - e princípio, começo, em sentido absoluto, do ponto de vista do que é real realmente: começo e fundamento necessário da necessidade e da atualidade. (SECRETAN, 2014, p. 56-57)

<sup>4</sup> Metafísica não significa que haja uma evasão do mundo físico para um mundo conceitual, em fator da lógica predicativa ou de alguma outra construção mental, mas significa uma concentração no vínculo transcendental que liga o que é atualmente real e o princípio dessa realidade, mas como real enquanto real. A ciência “positiva” se interessa pelo que é real, ou seja, pelo que explicita, exemplifica, etc., a realidade. A metafísica se interessa no que é real, pelo que é sua realidade, pelo que a estabelece enquanto real, e já não como real atual ou como *tal* [coisa] real. (SECRETAN, 2014, p. 58)

em terceira instância, contextualiza-se como é possível, na Inteligência Senciente, a relação entre Sentir e Inteligir, enquanto uma unidade estrutural do próprio ato de apreensão.

## 1. A CONCEPÇÃO DE SENTIR PARA XAVIER ZUBIRI

Antes de adentrar em tais questionamentos, é preciso esclarecer o que seria propriamente não emitir juízos antecedentes sobre a realidade. Para tanto, cita-se um trecho do Harada, que diz:

A percepção sensível em todos os cinco sentidos contém em si uma acentuada predominância da passividade receptiva. Se nos libertarmos da representação que bloqueia a imediata percepção da vivência como tal, e que a congela dentro de uma determinada interpretação tradicional psicológica, e também metafísica, do que é percepção sensível, podemos intuir de imediato que essa passividade é o que constitui, digamos, o vigor essencial da vida propriamente dita dos sentidos como “sensoriais”, da sensibilidade, da sensualidade e das suas apreensões, e ao mesmo tempo das percepções do sentimento e do conhecimento (mesmo intelectual e racional) num certo nível da profundidade da sua constituição.(HARADA, 2006, p. 30-31)

À vista do pensamento de Harada (2006), é notável que a percepção sensível tem sua singular importância, mediante a não emissão de juízos sobre a realidade, ou seja, a percepção na sua essencialidade é a recepção passiva da realidade que se apresenta. Nesse sentido, tal recepção apreende a realidade de modo primordial, sem nenhum pré-conceito acerca da realidade, pois conceitos pré-definidos são, em si mesmos, interpretações sobre a realidade, e não propriamente uma recepção passiva do real. Não obstante, a recepção é imediata e os pré-conceitos são mediatos, o que significa que a passividade é autêntica e imediata, já a atitude inconformista é mediada e permeada de juízos antecipados sobre a realidade.

Na perspectiva zubiriana, não há distinção entre sensação e intelecção, dado que é uma distinção formal e não real<sup>5</sup>. Sendo assim, para Zubiri, o sentir não se contrapõe ao inteligir, mas se contrapõe ao “sentir puro”, uma vez que, “(...) sentir e o inteligir não se contrapõem; o que se contrapõe são o sentir puro e o sentir intelectual”, conforme Secretan (2014, p. 67).

Em razão disso, é notável que, para Zubiri (2011), o fato de apreender a realidade atualizada pressupõe que o ser humano está diante da realidade presentificada, isto é, a realidade que se

---

<sup>5</sup> (...) uma distinção formal. ‘Inteligir’ é a capacidade de ‘chegar’ ao real, de colhê-lo. Este atingir ou alcançar o real não é possível só com os sentidos (...) Não existe uma faculdade para sentir e outra para ‘inteligir’, mas uma única faculdade de conhecimento. (PEREIRA, 2010, p. 131)

impõe aos sentidos corpóreos. Ademais, sentir está relacionado ao fato de “estar” na realidade, como dirá Tejada (2016):

Para Zubiri sentir e inteligir formam uma mesma estrutura: inteligência senciente, que atualiza o real. O homem não é primordialmente "animal racional", mas "animal de realidades". Zubiri está dando um tratamento adequado a sua primeira inspiração e formulação em 1935: "Saber não é raciocinar nem especular: saber é ater-se à realidade das coisas". (TEJADA; CHERUBIN, 2016, p. 21)

Trata-se da capacidade de ser presença física com a própria realidade; assim, o ser humano apreende a atualidade do real, pois, “(...) esse “ser em presença” física e somente ele, “ser em presença”, constitui toda a atualidade do real, que ao mesmo tempo é a atualidade da própria inteligência”, segundo Secretan (2014, p. 67).

Quando Zubiri (2011) disserta sobre o que seria propriamente o “Sentir”, ele apresenta três momentos que constituem a unidade da estrutura processual do próprio “Sentir”, tanto do animal humano, quanto dos demais seres. Além disso, Zubiri (2011) distingue entre três momentos, sendo estes: *suscitação*, *modificação tônica* e *resposta*.

No primeiro momento, refere-se à dimensão que aciona o movimento daquele que sente, logo não se trata apenas de excitação, pois não é uma contração muscular, biológica e involuntária, mas concerne a um fator que *suscita* uma ação no animal.

No segundo momento, ocorre uma *modificação tônica*, causada pela *suscitação*. Destarte, acontecem mudanças no animal ao sentir-se afetado por uma realidade.

No terceiro momento, trata-se da *resposta* que o animal tem diante da *modificação* que ocorreu no seu ser, por assim dizer, a *resposta* pode ser diversificada, apresentando agressividade, quietude ou apavoro; a depender da reação do animal diante do estímulo *suscitado*.

Essa estrutura, para Zubiri (2011), vincula-se à unidade presente no próprio ato de sentir, tanto o ser humano, quanto dos demais seres, dado que ambos estão fundamentados nessa unidade. Mas deve-se considerar que o fator que os diferenciam são os modos pelos quais um e outro formalizam a apreensão.

Assim, mediante a consideração feita por Zubiri (2011, p. 14): “(...) a apreensão sensível consiste formalmente em ser apreensão impressiva.” Ou seja, a apreensão impressiva concerne a uma outra dimensão do próprio sentir, o qual tem uma unidade formal que constitui a própria impressão do sentir, que, segundo Sousa (2003):

Essa unidade processual está determinada pela estrutura formal da suscitação, ou seja, pela apreensão do suscitante, que se deve chamar de apreensão sensível. Esta tem dois aspectos: a apreensão sensível enquanto suscitante e a sua estrutura formal própria a partir da qual desencadeia o processo do sentir. O que nos interessa agora é a estrutura processual do sentir, ou seja, o sentir enquanto tal. Essa estrutura consiste em ser apreensão impressiva. (SOUSA, 2003, p. 81)

Não obstante, em conformidade às ideias de Sousa (2003), há uma distinção entre a *apreensão sensível* e a *apreensão impressiva*; tal diferenciação ocorre devido ao processo constitutivo da estrutura de cada modo de apreensão. Dessa maneira, a apreensão impressiva constitui-se mediante três momentos, sendo estes: *afecção do real*, *alteridade do real* e *força de imposição*.

Em primeiro lugar, a *afecção do real* não está relacionada aos afetos sentimentais, mas refere-se propriamente à noção de que o sujeito é afetado pela realidade. Logo, a partir da afecção, o ser humano tem uma impressão da realidade, embora esteja permeada de inexatidão.

Em segundo lugar, a *alteridade do real* tange à impressão enquanto tal, pois é o fato de perceber o outro que lhe afeta. Trata-se da alteridade presente na realidade atualizada da impressão.

Em terceiro lugar, a *força de imposição*, alude à força que a própria realidade tem mediante sua capacidade impositiva, isto é, o real que não depende necessariamente do ser humano para tornar-se presente na sua própria condição.

Para Zubiri (2011), o processo se dá da seguinte forma: primeiro somos afetados (afecção); em seguida, percebemos o "outro" que nos afeta, mediante a impressão daquilo que lhe é próprio<sup>6</sup>. Por último, há a força de imposição, que se refere à dimensão de que somos afetados pela alteridade de modo impositivo, isto é, a própria realidade se impõe ao ser humano. Sendo assim, esses momentos constituem a unidade da *apreensão impressiva*.

Segundo Zubiri (2011), há uma distinção nos modos pelos quais o conteúdo da impressão “fica” em quem sente, ou seja, a forma pela qual as “notas” presentes no outro “fica” ao apreendê-lo. Por isso que, a formalização do animal homem difere, em relação aos demais

---

<sup>6</sup> Impressão é a apresentação de algo outro em afecção. É alteridade em afecção. Este "outro" é o que chamei e continuarei chamando de nota. Aqui, nota não designa uma espécie de signo indicativo como significou etimologicamente em latim o substantivo nota; mas é um participio, o que é "noto" (*gnoto*) em oposição ao que é ignoto, desde que se elimine toda alusão tanto ao conhecer (isto seria antes o *cognitum*) como ao saber (que deu origem a noção e notícia). Devemo-nos ater apenas a ser meramente noto. (ZUBIRI, 2011, p.15)

seres, em si mesma, uma vez que a impressão nos animais não humanos está voltada para a *estimulidade*, já a impressão do ser humano está direcionada para a *realidade*<sup>7</sup>.

Portanto, o ser humano é um animal de realidade, em que o seu sentir é intelectual, diferente dos demais seres; dado que são animais de *sentir puro*, trata-se de formalizações diferentes sobre a impressão. Sendo assim, o “Sentir” para o ser humano não difere do “Inteligir”, pois os dois são "inseparáveis".

## 2. O INTELIGIR NA CONSIDERAÇÃO DE XAVIER ZUBIRI

Como já fora comentado por Zubiri (2011):

Inteligir algo consiste em ter sua realidade diante de nossa inteligência. A força de inteligência não consiste primeiramente em força de entender, mas em força de apreensão da realidade. As grandes inteligências são grandes capacidades de desdobrar o real diante da nossa inteligência, as grandes capacidades de apreender o real. (ZUBIRI, 2011, p. 181)

A princípio, Zubiri (2011) não faz distinção real entre sensação e intelecção, mas apenas uma diferenciação formal. Nesses termos, o “Inteligir” está ligado à capacidade de apreender a realidade daquilo que se presentifica, ou melhor, pressagiar sobre aquilo que é mais real, trata-se da capacidade de “desdobrar-se” perante a realidade.

Por conseguinte, também no crivo de Zubiri (2011, p. 180): “ao se entender o som, o que se faz é ter diante de nossa mente o próprio som real desdobrado, por assim dizer, em todas as suas estruturas.” Sendo assim, é preciso esclarecer que para Zubiri (2011), o “Inteligir” não é o “fundamento” da apreensão, mas o “Inteligir” é um dos momentos da apreensão da realidade, a saber, afirma Zubiri (2011):

Esta instalação tem caráter duplo. Ao inteligirmos uma coisa real, ficamos instalados nela. Mas esta instalação é, num primeiro aspecto, e no fundo, muito fugaz; imediatamente sobrevém outra coisa real, e, quando a inteligimos, ficamos em outra coisa. Segundo este primeiro caráter, instalação é estar instalado numa coisa real. Isso, porém, não esgota todo o caráter da instalação, porque, como vimos, a impressão de realidade em que inteligimos cada coisa real é idêntica e numericamente a mesma em todas as apreensões. A realidade reifica tudo quanto advém ao real. O conteúdo de cada coisa real fica assim inscrito, por assim dizer, na mesma impressão de realidade que nos deu a coisa real anterior. (ZUBIRI, 2011, p. 182)

Ou seja, o próprio “Inteligir” pressupõe que o ser humano está instalado na realidade, uma vez que a intelecção é um desdobramento em que o ser humano atém-se cada vez mais à

---

<sup>7</sup> Não é supérfluo repetir que o animal não conhece ou não entende no sentido de ‘inteligir’ porque o animal jamais colhe a realidade, mas fica apenas no âmbito da estimulidade. A realidade não consiste apenas em ser objeto formal do ‘inteligir’. A realidade designa também a índole estrutural do ato mesmo do ‘inteligir’. (PEREIRA, 2010, p. 135)

realidade presente. Deste modo, os desdobramentos que acontecem dentro da impressão de realidade estão relacionados à capacidade do ser humano “Inteligir” algo real, como também aprofundar-se cada vez mais dentro dessa mesma realidade. Afinal, o “Inteligir” não esgota todas as possibilidades que estão presentes no próprio ato de instalar-se no real, trata-se da *força de apreensão*.

Conforme Sousa (2003), para distinguir entre *força de apreensão* e *força de entender*, é preciso considerar que:

O melhor verbo, em português, para traduzir o ‘inteligir’, é entender. Com um exemplo será possível uma melhor compreensão desse ponto de vista. Quando se escuta um som ou o entende, isto é, não só o ouve, mas escuta, este escutar significa que se sabe como e porque o som é realmente como é. Entender é exatamente isso: ter diante da nossa mente a realidade da coisa sentida. Nesse sentido, ‘inteligir’ ou entender é algo mais do que um simples sentir. ‘Inteligir’ é ter a realidade da coisa apreendida diante da nossa inteligência. (SOUSA, 2003, p. 134)

É notável que "Inteligir" é buscar entender aquilo que já está na *inteligência senciente*, ou seja, aquilo que é mais real em relação aos “conteúdos” apreendidos sencientemente. Sentir intelectivamente a realidade é um dos momentos da apreensão impressiva do real, pois se refere às atualizações mais profundas do real ou, em outras palavras, “Eles operam no real atualizações - ou reatualizações - mais complexas e mais profundas. Não há aí idealismo nem empirismo, mas tampouco uma forma de realismo tradicional”, como disse Secretan (2014, p. 68).

Em suma, refere-se à capacidade de instalar-se constantemente na realidade. Para Zubiri (2011, p. 183): “em última instância, inteligir, repito, é assim constitutiva e formalmente estar também apreendendo a pura e simples realidade, isto é, o que as coisas são “de seu” enquanto tais.” Desse modo, o “Inteligir” está relacionado à capacidade de “estar” no real, de instalar-se na realidade, a fim de apreender o “de seu” da realidade atualizada.

De acordo com a sapiência de Secretan (2014, p. 67): “(...) *inteligir* é apreender alguma coisa enquanto real. Um ato que não apreendesse algo real não seria uma *intelecção*”. Consequentemente, os animais não humanos não são capazes de apreender a realidade, uma vez que a captam por intermédio do *sentir puro*, e não propriamente via *intelecção senciente*.

Outra consideração que prossegue o pensamento de Zubiri, no tocante ao “Inteligir”, é que há três modos de “Inteligir”, dentre os quais distinguem-se “*intelecção primordial (...)*, *intelecção enquanto logos (...)* e *intelecção enquanto razão*”, de acordo com Secretan (2014, p. 68).

Essa distinção é descrita por Secretan (2014):

A intelecção racional nada mais é do que o conhecimento. Conhecer o que uma coisa é, é *inteligir* sua realidade profunda, é compreender como ela é atualizada em seu próprio fundamento, como ela se constitui “em realidade” como princípio de medida. Segundo essa ideia, nem a apreensão primordial nem o logos são “conhecimentos”. Ver o verde, compreendê-lo como alguma coisa de distinto do azul e afirmar que o verde é uma cor não são atos de conhecimento. Conhecer é inteligir o fundamento mesmo do verde, por exemplo, como onda eletromagnética. É a insuficiência da intelecção primordial que exige o procedimento racional e a atualização em profundidade de uma coisa já atualizada “em campo” (*campalmente*). O conhecimento é uma atualização em expansão que conduz a uma nova atualização. (SECRETAN, 2014, p. 72)

Unísono ao pensamento de Secretan (2014), é notável que, para Zubiri, o “Inteligir” enquanto razão refere-se à possibilidade de “conhecimento”, pois na medida que o real se reatualiza na inteligência, a apreensão torna-se mais abrangente. Sendo assim, o “Inteligir” permite a possibilidade de aprofundar-se cada vez mais na realidade; logo, a intelecção possibilita adentrar nos fundamentos das coisas apreendidas, isto é, a base essencial que constitui aquela determinada realidade.

Portanto, “Inteligir” é muito mais do que compreender as notas constitucionais do outro que lhe afeta, mas justifica-se pela capacidade de “conhecer” os fundamentos que constituem a alteridade real. No entanto, é preciso levar em consideração que esse “conhecer racional”, enquanto um dos momentos do “Inteligir”, não exclui os desdobramentos anteriores, ou seja, “apreensão impressiva”, “intelecção primordial” e a “intelecção como logos”.

O ser humano, ao atualizar sua inteligência, tenta entender de forma mais abrangente e profunda “(...) o que foi apreendido na intelecção primordial, mas nem o logos nem a razão são movimentos que se separam do real ou que conduzem para além do real.” Assim disserta Secretan (2014, p. 68):

Portanto, esta instalação na pura e simples realidade é física e real, porque física e real é a transcendentalidade da impressão de realidade ao apreendermos sencientemente uma coisa como real, estamos *com* a coisa real, mas aquilo *em* que estamos com essa coisa é a realidade. Assim, a realidade não é algo não só imediatamente apreendido, mas também, e sobretudo, constitutivamente apreendido. Não se trata de construções conceituais e de raciocínios, mas da mera análise de qualquer ato de intelecção. (ZUBIRI, 2011, p. 183)

Para Zubiri (2011), a intelecção não conduz o homem a uma condição “*mais verdadeira*” de um mundo “*além do real*”; porém, busca instalar o ser humano na realidade presente, isto é, o real que está sendo real, a “transcendentalidade” presente nas profundezas da realidade atualizada na impressão. Sendo assim, Zubiri (2011) dirá que:

Esse “ultrapassar” intra-apreensivo é justamente a transcendentalidade. A impressão de realidade não é *impressão do transcendente*, mas *impressão transcendental*. O trans não significa, portanto, estar fora ou para além da própria apreensão, mas estar “na apreensão”, embora “ultrapassando” seu determinado conteúdo. Dito em outras palavras, o

apreendido em impressão de realidade é, por ser real, e enquanto realidade, “mais” que é como colorido, sonoro, quente, etc. Que é este “mais”? Esta é a questão. (ZUBIRI, 2011, p. 80)

Assim, o “ultrapassar” apresentado por Zubiri (2011) é próprio da intelecção, mas tal “ultrapassar” não se trata de estar fora da realidade, antes, refere-se à capacidade de estar ainda mais dentro do próprio movimento do real, ou, como afirma Zubiri (2011, p. 120): “A atualidade comum é, assim transcendental, e sua transcendentalidade é determinada pela transcendentalidade da realidade real.”

Além do mais, “Inteligir” é estar atendo-se cada vez mais *com e na* coisa que está se impondo em realidade, como ressalta Costa (2017, p. 5): “A apreensão primordial de realidade não implica ainda nenhum juízo, mas apenas a captação das coisas reais que se dão aos sentidos e à inteligência.” Logo, não se trata apenas de conceitos e raciocínios, embora esses sejam desdobramentos; afinal, o fundamento basilar é a *apreensão senciente*.

Em suma, para Zubiri, “Inteligir” tem sua estrutura formal, que foi apresentada no decorrer desta seção, mas é preciso reconhecer que se trata de uma estrutura formal e não real, pois, segundo Zubiri (2011), a estrutura real da apreensão impressiva do ser humano é a *intelecção senciente*; nessa não há distinção entre “Inteligir” e “Sentir”.

### **3. INTELECÇÃO SENCIENTE: A RELAÇÃO ENTRE “SENTIR” E “INTELIGIR”**

A Intelecção Senciente apresentada por Zubiri (2011) tem como fundamento a perspectiva de que:

Não há objeto dado à inteligência, mas objeto dado na própria inteligência. O sentir é em si mesmo um modo de inteligir, e o inteligir é em si mesmo um modo de sentir. A realidade é apreendida, pois em impressão de realidade. É a inteligência senciente. O que chamamos de inteligir repito, não são senão dois momentos do ato único de apreender sencientemente o real. (ZUBIRI, 2011, p. 56)

Segundo Zubiri (2011), o ato de apreender a realidade engloba tanto o “Sentir” quanto o “Inteligir”, enquanto “*dois momentos do ato único*”, ou seja, o sentir é intelectual, e o inteligir é senciente. Dessa maneira, a impressão de realidade é uma unidade, pois não há dois momentos, um de sensação e outro de intelecção, em virtude de o próprio ato de apreender o real pressupor a unidade entre sensação e intelecção.

Então, não há distinção real entre ambos, uma vez que não são dois atos diferentes, pois, de acordo com Zubiri (2011, p. 4): “O inteligir e o sentir como atos de duas faculdades

essencialmente diferentes. A contraposição de inteligir e sentir seria a contraposição de duas faculdades.” Ou seja, só haveria dicotomia se ambos fossem faculdades distintas.

Para Zubiri (2011), não há “duas faculdades”, pois a base da inteligência senciente refere-se a uma única faculdade, o sentir intelectual e a inteligência senciente. Sendo assim, “dizer que o momento de realidade está na impressão é o mesmo que dizer que a inteligência está estruturalmente no sentir: a impressão de realidade é sentir intelectual.”(2011, p. 55).

Além do mais, não há “Sentir” sem “Inteligir”, como também não há “Inteligir” sem “Sentir”, visto que, de acordo com Zubiri (2011, p. 71): “Enquanto apreendemos a realidade sentida, a inteligência não só apreende o sentido, mas está no próprio sentir como momento estrutural seu.” .

Outra consideração feita por Zubiri (2011, p. 54) é que: “A unidade em questão não é uma *síntese objetiva*, mas uma *unidade formalmente estrutural*.” Isto é, a unidade entre “Sentir” e “Inteligir” não é uma síntese, uma vez que não se trata de uma junção de duas faculdades diferentes, mas é uma unidade formal, dado que “Sentir” e “Inteligir” são dois momentos de um único ato, a Inteligência Senciente.

A apreensão não é uma teoria, mas um fato: o fato de que me estou dando conta de algo que me está presente. A apreensão é, quanto ao momento do “estar presente”, um ato de captação do presente, uma captação na qual estou dando conta do que é captado.(ZUBIRI, 2011, p. 6)

Em outros termos, Zubiri (2011) expressa que o conhecimento não é mero ato da consciência, por assim dizer, não é um “dar-se-conta” da realidade presente enquanto teoria, mas é um “dar-se-conta” da realidade enquanto um fato concreto, que acontece no momento em que o ser humano apreende a realidade.

Segundo Zubiri (2011, p. 102): “Trata-se de uma inteligência, e portanto o inteligido é sempre apreendido em formalidade do “de seu”, como algo que é “em próprio”.” Em outras palavras, a inteligência senciente está, necessariamente, relacionada à apreensão da realidade “de seu”<sup>8</sup> da alteridade real, dado que o ser humano, ao apreender uma realidade, está apreendendo aquilo que faz parte constitucionalmente daquela realidade. Sendo assim, tal apreensão pressupõe que o conteúdo (*notas constitucionais*)<sup>9</sup> sentido é ao mesmo tempo inteligido.

---

<sup>8</sup> “De seu” é um momento radical e formal da realidade de algo. É um momento comum à inteligência senciente e à coisa real: como momento da inteligência, é formalidade de alteridade, e, como da coisa real, é seu “de seu” próprio. (ZUBIRI, 2011, p. 140)

<sup>9</sup> Toda e qualquer metafísica da realidade como existente e como possuidora de notas próprias há de fundar-se inexoravelmente na própria formalidade de realidade: no “de seu”. (ZUBIRI, 2011, p. 140)

Conceituar é apenas um desdobramento intelectual da impressão de realidade, e portanto não se trata de não conceituar, mas de que os conceitos sejam primeiramente adequados não às coisas dadas pelos sentidos à inteligência, mas de que sejam adequados aos modos de sentir intelectivamente o real dado na inteligência. (ZUBIRI, 2011, p. 59)

Cabe destacar que, parafraseando Zubiri (2011), há uma distinção entre o real dado à inteligência e o real dado *na* inteligência. O primeiro modo ratifica que a dimensão dos sentidos e a inteligência são faculdades separadas, e que a função dos sentidos seria levar os conteúdos sensíveis para que a inteligência os formalize. O segundo modo, por sua vez, refere-se à noção de que os sentidos e a inteligência não estão separados, em função de o próprio sentir, torna-se um momento de intelecção. Assim, os sentidos não precisam levar os conteúdos para a inteligência, já que o processo de intelecção acontece no momento em que o real é sentido.

Não obstante, Zubiri dirá que:

A instauração na realidade é radicalmente dada na impressão de realidade. Disso resulta que realidade enquanto realidade não é um mero conceito, mas que é física instauração na realidade. Certamente, tenho um conceito da realidade enquanto realidade, mas este conceito nunca é o primário. O primário e radical é o “de seu” como momento de realidade enquanto realidade. E este momento é “instauração” na realidade, no “de seu”. Este momento é o apreendido na inteligência senciente, e precisamente por isso não é primariamente um conceito, mas algo anterior a todo e qualquer conceito. (ZUBIRI, 2011, p. 155)

Zubiri (2011) faz uma distinção específica entre a *inteligência concipiente* e a *inteligência senciente*; posto que a primeira tem como primazia os “conceitos” enquanto fundamentos da realidade, isto é, o que torna uma realidade autêntica são os conceitos que intelectivamente se formam sobre essa realidade; por isso que, nessa primeira concepção, há um viés dualista entre sensação e intelecção, pois existe a primazia do intelecto (formador de conceitos) sobre a sensação, (fornecedora de conteúdos) ou, como diz Tejada (2016, p. 114): “Os sentidos também não são algo em separado com a função de levar informações para a inteligência responder. Isso foi fruto do predomínio do logos sobre a physis.”

Diferentemente, Zubiri (2011) busca confrontar a *inteligência concipiente* com a *inteligência senciente*, a qual considera que, embora haja os “conceitos”, esses não são os fundamentos da realidade, pois o primeiro fundamento da realidade diz respeito ao “real enquanto real”, ou ao real enquanto “de seu”. Portanto, a *inteligência senciente* busca “instalar-se” na realidade de modo físico, isto é, está no real enquanto está sendo real, sendo assim, os “conceitos” são desdobramentos dessa “instalação” no real.

Nesse viés, é correto destacar que a *inteligência senciente* não divide sensação e intelecção, mas reconhece que existe uma unidade entre ambos e esta é necessariamente estrutural. Destarte, não são os sentidos que devem levar os “conteúdos” para a “inteligência”, uma vez que o próprio ato de “Sentir” é um movimento de “Inteligir”, pois na “(...) unidade primordial sentir-intelectivo ou inteligência-senciente, *a apreensão é captação do real e a realidade é aquilo que está presente na apreensão.*” Conforme, Tejada (2016, p. 22).

(...) a forma primária em que as coisas estão presentes como realidade para a inteligência é estarem presentes como impressão, e, conseqüentemente, a inteligência humana é inteligência senciente. Esse dualismo não se dá entre os sentidos e a inteligência, e, portanto, tampouco cabe o recurso de que são os sentidos que apresentam as coisas à inteligência: sentidos e inteligência constituem um único ato apresentativo: a apresentação do real em impressão. (ZUBIRI, 2012, p. 295)

Em suma, a estrutura da apreensão da realidade, segundo Zubiri (2012), refere-se a um modo de impressão sobre a realidade. Assim, pressupõe-se que o ser humano esteja “dando-se” conta fisicamente da realidade presente. Dessa forma, a *inteligência senciente* é o fator culminante que instala o ser humano na realidade, ou seja, possibilita a abertura para apreender o real enquanto está sendo real. Portanto, o próprio “Sentir” é “Inteligir”, pois, para Zubiri, apreender a realidade é apreender o real a partir da *inteligência senciente*.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, na concepção de Xavier Zubiri o “Sentir” e o “Inteligir” estão unidos estruturalmente na Intelecção Senciente. Isso não significa que há uma junção de dois aspectos diferentes, mas trata-se de uma unidade presente na própria estrutura da Intelecção Senciente. Ademais, a dicotomia entre sensação e intelecção faz com que a apreensão da realidade venha a ser unilateral, ou seja, apenas um aspecto da apreensão. Noutros modos, apreender o real apenas pelo intelecto ou apenas pelos sentidos.

A proposta da Intelecção Senciente está relacionada a superar a dicotomia entre sensação e intelecção, como também visa mostrar que as duas estão unidas; neste sentido, Zubiri (2011) aponta que:

O racionalismo, em todas as suas formas, entende que esse salto é dado pelo conceito: o conceito me diz o que a coisa é. A realidade do sol, diz-se-nos não é o que eu percebo dele, mas o que os conceitos astronômicos me dizem do sol. (ZUBIRI, 2011, p. 129)

A Intelecção Concipiente coloca a primazia dos conceitos sobre a realidade; numa interpelação mais livre, são os conceitos criados pelo ser humano que dizem algo sobre a

realidade. No entanto, para Zubiri (2011), os conceitos não são inadequados ou equívocos em si mesmos, pois a função dos conceitos é tentar dizer aquilo que a coisa é na sua constituição originária ou aquilo que é mais real.

Todavia, o erro da Intelecção Concipiente está em não considerar que, antes de haver conceitos, há a realidade intelectivamente sentida pelo ser humano, ou seja, só é possível conceituar algo que, de certa forma, encontra-se na realidade.

Portanto, a apreensão impressiva do real pressupõe que, antes do ser humano conceituar algo, é preciso que ele esteja *com* e *na* realidade. O fato de “estar” na realidade possibilita que o indivíduo possa apreender o real que está sendo real.

Zubiri (2011, p. 71) apresenta que: “(...) toda e qualquer intelecção é intelecção não só sensível, mas senciente. A intelecção está no sentir como momento determinante da formalidade apreendida nele.” Isto significa que a intelecção é senciente, pois não é estática, dado que está em movimento, apreendendo cada vez mais a realidade atualizada. Por fim, o “Sentir” e o “Inteligir” formam uma unidade estrutural da apreensão do real, a partir da Inteligência Senciente.

## REFERÊNCIAS

- [1] DOS SANTOS COSTA, Valeriano. Inteligência senciente e liturgia. **Revista de cultura teológica**, n. 90, p. 209-233, 2017.
- [2] HARADA, Hermógenes. **Coisas, velhas e novas**. Bragança Paulista: Universidade São Francisco, 2006.
- [3] PEREIRA, João Nogueira. Sensibilidade e razão. **Sapere Aude**, v. 1, n. 1, p. 130-142, 2010.
- [4] SOUSA, Damião Cândido de. A realidade enquanto categoria metafísica fundamental: uma abordagem sobre a crítica de Xavier Zubiri à concepção intelectual da metafísica. **Universidade Federal do Ceará**, 2003.
- [5] SECRETAN, Philibert. **Introdução ao Pensamento de Xavier Zubiri (1898-1983) Por uma Filosofia de Realidade**. São Paulo: É Realizações, 2014.
- [6] TEJADA, José Fernández e CHERUBIN, Felipe. **O que é a inteligência? Filosofia da Realidade em Xavier Zubiri**. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2016.

- [7] ZUBIRI, Xavier. **Inteligência e Realidade**. São Paulo: É Realizações, 2011.
- [8] ZUBIRI, Xavier. **Cinco Lições de Filosofia**. São Paulo: É Realizações, 2012.